

APRESENTAÇÃO

OCULTO PÚBLICO É o aspecto mais visível da vida das igrejas evangélicas. É, também, uma das áreas da vida eclesial mais sujeita a distorções em prejuízo da integridade espiritual dos fiéis e do seu testemunho diante do mundo. Nos dias atuais, as práticas litúrgicas de muitas igrejas têm revelado pouca preocupação com os princípios e modelos bíblicos, gerando superficialidade, falta de equilíbrio, fascinação por modismos e descrédito para a causa de Cristo. Diante dessa realidade, é muito bem-vindo este novo estudo produzido pelo Dr. Augustus Nicodemus Lopes que, à semelhança dos anteriores, caracteriza-se por forte ênfase bíblica e teológica, seriedade acadêmica e preocupação prática.

Ao abordar um tema tão controverso e fundamental, o autor apela aos ensinamentos e princípios expostos pelo apóstolo Paulo ao deparar-se com uma situação semelhante no século 1º. A igreja de Corinto também era afligida por distorções no seu culto comunitário e o eminente apóstolo escreveu sua primeira carta àquela igreja para, em parte, orientá-la quanto à melhor maneira de cultuar a Deus. Embora muitos livros tenham sido escritos sobre o assunto, o estudo do Dr. Augustus propõe-se a fornecer ao público evangélico brasileiro uma nova contribuição através do criterioso exame exegético das passagens relevantes, especialmente dos capítulos 11 a 14 da Primeira Epístola aos Coríntios.

O autor começa com uma análise cuidadosa da ocasião da epístola, ou seja, as circunstâncias, problemas e necessidades concretas que resultaram na carta. Ele argumenta de modo especialmente persuasivo acerca da existência de um grupo na comunidade, os “espirituais”, cujo conceito de espiritualidade estava ligado aos dons extraordinários. O professor Augustus adota o método seguido pelo apóstolo dos gentios: a práxis litúrgica deve ser regulada por princípios teológicos baseados nas Escrituras e na prática da igreja cristã ao longo dos séculos.

Nas passagens analisadas, três princípios destacam-se no ensino de Paulo acerca do culto cristão: decência, ordem e edificação. A segunda parte do livro aborda o

primeiro princípio – decência e propriedade – ao analisar o texto de 1 Coríntios 11 (o uso do véu e a Ceia do Senhor); as partes três e quatro tratam do segundo princípio – ordem –, conforme exposto nos capítulos 12 e 13 da epístola, com especial ênfase no ensinamento paulino acerca do amor; finalmente, o princípio da edificação da igreja é destacado na análise de 1 Coríntios 14. Ao longo do livro, o Dr. Augustus expressa a sua preocupação com uma espiritualidade genuína, fervorosa e coerente, aliada ao discernimento na identificação de possíveis distorções.

À semelhança do apóstolo Paulo, o objetivo do Dr. Augustus Lopes é eminentemente prático, ou seja, orientar as igrejas e os cristãos quanto aos princípios que devem nortear a sua vida devocional comunitária. À luz do ensino apostólico, o culto cristão deve estar fundamentado em sólidos critérios bíblicos e teológicos, buscar um saudável equilíbrio entre emotividade e racionalidade, ter um compromisso ético com os valores do reino de Deus e, acima de tudo, ser um culto centralizado, não nos desejos, expectativas e satisfação dos adoradores, mas na glória do Deus triúno – Pai, Filho e Espírito Santo. Por tudo isso, julgo extremamente oportuna esta nova contribuição do Dr. Augustus Lopes às igrejas evangélicas do Brasil.

Rev. Alderi Souza de Matos, Th.D.

Abril de 1999

INTRODUÇÃO

ESTE LIVRO É SOBRE o culto cristão. Como muitos bons livros já foram escritos sobre esse tema, é preciso que seja explicado em que sentido ele poderá dar alguma nova contribuição. Acredito que a principal delas venha do caráter exegético da obra. Embora o livro trate de um tema específico, que é o culto cristão, quase pode ser considerado um comentário de 1 Coríntios 11 a 14, provavelmente a passagem bíblica mais relevante para as questões atuais que giram em torno do culto. Como não existem muitos tratamentos exegéticos dessa passagem disponíveis em português, acredito que essa pequena obra poderá suprir uma lacuna na reflexão da igreja evangélica brasileira sobre o assunto. Aqueles que desejam compreender melhor o ensino do apóstolo Paulo à igreja de Corinto, sobre o funcionamento do culto, poderão encontrar alguma ajuda neste livro.

O leitor perceberá que muito do que é dito tem como pano de fundo o impacto do movimento pentecostal no culto das igrejas evangélicas. E não é para menos. O movimento pentecostal, surgido no início do século 20, foi apenas o início de um movimento ainda maior que se desdobrou através deste século e que, com certeza, entrou no século 21 como uma das maiores influências nas igrejas cristãs protestantes do mundo todo.

Atualmente, calcula-se que existam cerca de 410 milhões de pessoas no mundo todo, entre católicos e protestantes, que sigam algum tipo de pentecostalismo.¹ Na América Latina, em especial, os pentecostais têm experimentado um crescimento acentuado ameaçando, inclusive, a hegemonia da Igreja Católica.² Só a Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada em 1927, organizou mais de três mil igrejas no

¹ Ver Eduardo Junqueira, “Possuídos pelo fogo de Deus”, *Veja* (23 de dezembro de 1998), p. 70.

² Conforme estatísticas recentes, 10% da América Latina é agora protestante. Considerando que somente 15% dos católicos são praticantes, os números são praticamente iguais em ambos os lados. É bom notar que cerca de 70% dos protestantes são pentecostais (muito embora os pentecostais não gostem de ser chamados de protestantes). No Rio de Janeiro, os evangélicos – a maioria pentecostais – cresceram 8% entre 1991 e 1996, enquanto que a população católica da mesma área, no mesmo período, caiu 8,7% (ver o editorial do *O Estado de S. Paulo* [20 de dezembro de 1998], A3).

Brasil em 1992 e não parou desde então. Na Argentina, dobrou o número de adeptos nesse mesmo ano.³ No Chile, 28% da população declarou-se protestante num censo realizado em 1993 e destes, 80% são pentecostais.⁴ Há várias razões apresentadas pelos especialistas para esse crescimento: (1) a ênfase na experiência espiritual pessoal;⁵ (2) a falta de um corpo doutrinário claro e definido, o que possibilita a sua adaptação em múltiplos e diversos ambientes; (3) uma liturgia com ritmos autóctones, líderes carismáticos, fervor e abertura para o miraculoso.⁶ É principalmente com este último aspecto que teremos de lidar em nosso livro.

O movimento carismático surgido na década de 60 como um desdobramento do pentecostalismo clássico e, depois dele, o movimento neopentecostal nos anos 90 não somente deram respeitabilidade ao sobrenaturalismo cristão como movimento que sempre existira à margem do Cristianismo histórico, mas também fizeram dele a maior corrente dentro do protestantismo mundial e uma influência poderosa dentro da própria Igreja Católica Romana. A presença do pentecostalismo, em todas as suas variadas formas e expressões, se faz sentir nas igrejas evangélicas brasileiras ora pelo desafio apresentado à doutrina e experiências cristãs, historicamente entendidas, ora pelo seu conceito de culto. Embora muitas igrejas evangélicas não tenham se deixado convencer pelas doutrinas, absorveram o modo de culto pentecostal. O falar em línguas, como sendo parte integral do culto evangélico, ganhou uma proeminência maior nos meios evangélicos durante as décadas de 60 e 70. O pentecostalismo agora tem dado lugar ao que C. Peter Wagner, o conhecido professor da Escola de Missões do Seminário Fuller, chamou de “a terceira onda do Espírito”.⁷

A “primeira” onda, segundo Wagner, foi o surgimento do movimento pentecostal clássico no início do século 20, com o aparecimento da Assembleia de Deus e de outras denominações pentecostais que, hoje, já adquiriram forma própria e têm toda uma estrutura eclesial organizada. Depois, de acordo com Wagner, veio a “segunda” onda do Espírito, o movimento carismático dos anos 60 e 70 que atingiu

³ Ver “One U.S. group reporting big gains...”, National & International Religion Report (20 de abril de 1992), p. 2.

⁴ Ver Paul Hoff, .Rich man, poor man., Pulse (outubro de 1993), p. 4.

⁵ 5. Essa é a principal tese de Harvey Cox em seu recente livro sobre o pentecostalismo, *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century* (Addison-Wesley, 1995).

⁶ Ver a análise de Clayton Berg e Paul Pretiz, .Latin America.s fifth wave of Protestant churches., *International Bulletin of Missionary Research*, 20/4 (outubro de 1996), pp. 157-159.

⁷ Ver C. Peter Wagner, *The Third Wave of the Holy Spirit: Encountering the Power of Signs and Wonders Today* (Servant Publications, 1988). Esse livro tornou-se um clássico para a compreensão histórica do desenvolvimento do pentecostalismo. Ver ainda o artigo de Alderi Mattos sobre a história do movimento pentecostal no Brasil, em *O Neopentecostalismo: Análise de Pontos Fundamentais* (São Paulo: Editora Cultura Cristã) 1999.

as igrejas tradicionais; o movimento enfatizava especialmente o batismo com o Espírito Santo como sendo uma segunda bênção e o falar em línguas como evidência desse batismo. Ainda segundo Wagner, estamos experimentando agora o impacto da “terceira” onda do Espírito, que é o maior de todos os avivamentos que já houve neste século [20] e que, segundo ele, está varrendo o mundo todo. As ênfases desse movimento são as curas, as revelações, as palavras de conhecimento, as profecias, os milagres e as reações físicas à suposta presença de Deus nos cultos. Na crista dessa suposta terceira onda do Espírito surgiram novas denominações de igrejas pentecostais, tais como *Vineyard Fellowship* (“A Comunhão da Vinha”) nos Estados Unidos, fundada e liderada por John Wimber (falecido), a Igreja de Toronto, de John Arnott, a Igreja Universal do Reino de Deus, liderada por Edir Macedo, bem como dezenas de comunidades independentes e inúmeros movimentos centralizados na teologia da batalha espiritual, na teologia da prosperidade e na experiência espiritual miraculosa.

Diante do avanço desses movimentos que enfatizam o sobrenatural, o miraculoso e o extraordinário, muitos evangélicos têm ficado confusos e perplexos. É preciso, portanto, que tenhamos critérios seguros para entender o que está acontecendo.

Eu gostaria de deixar muito claro, já de início, que não sou contra o avivamento espiritual. As Escrituras nos ensinam que a Igreja tem o dever de ser sempre cheia do Espírito Santo. A necessidade da presença e do poder do Espírito Santo na Igreja, para que ela desempenhe a sua missão, está bem demonstrada nas Escrituras. O Espírito Santo já habita a Igreja, conforme o Senhor Jesus prometeu (Jo 14.17). Por outro lado, a Igreja deve encher-se desse Espírito (Ef 5.18). Lemos no livro de Atos que a Igreja nascente obedeceu a essa ordem. Era uma igreja cheia do Espírito e foi usada de forma poderosa por Deus naquela época. No entanto, a Bíblia nos diz que é possível que a Igreja venha a abafar o Espírito por causa de pecados não tratados (1Ts 5.19; Ef 4.30) como incredulidade, politicagem, mentira, desonestidade, falsas doutrinas e desvios de suas prioridades. Quando isso ocorre, a igreja se torna seca, estéril, como o sal que perdeu o sabor e para nada mais serve senão para ser pisado pelos homens. E o culto público reflete esta situação de forma inevitável e inexorável.

O que a Igreja deve fazer, então, quando a ação do Espírito parece estar restrita e limitada pelos pecados dela? A resposta é uma só: ela deve, por meio dos concílios e pastores, conclamar seus membros a um exame do seu estado espiritual, como fizeram os profetas e reis de Israel piedosos no passado. Os pastores devem chamar os membros das suas igrejas e a si próprios para proceder a um rigoroso exame de consciência à luz da Palavra de Deus, perguntando a Deus, “Ó, Deus, por que o teu Espírito não age no nosso meio como dantes? Por que nós não conhecemos esse poder, essa graça, essa plenitude demonstrada em tua Palavra?” Tal exame rigoroso deve ser feito com confissão de pecados e seguido de reconciliação e restituição,

onde necessário se faça. A Igreja deve se empenhar em oração fervorosa e contínua, buscando de Deus a atuação plena do seu Espírito para que ele revivifique o seu povo concedendo, outra vez, que a Igreja seja um instrumento do Espírito para proclamar a glória de Cristo e trazer os pecadores à comunhão dos santos. A história da Igreja nos mostra que Deus tem prazer em responder a este tipo de atitude de seu povo. A história está repleta de ocasiões quando aprovou a Deus visitar seu povo de forma extraordinária, em resposta às suas orações.

Ao mesmo tempo em que estou afirmando isso – pois creio que a igreja precisa buscar da parte de Deus uma obra profunda e genuína do Espírito Santo nos dias de hoje – desejo, igualmente, afirmar que a mesma história da Igreja e as mesmas Escrituras também nos ensinam a necessidade de cautela e de discernimento todas as vezes que houver um despertar espiritual. Elas nos dizem que devemos estar atentos para a manifestação do que é espúrio, do que é falso, daquilo que é simplesmente humano quando esse tipo de movimentação espiritual ocorre. E, geralmente, nenhuma área da vida da igreja é mais afetada do que o culto e a liturgia.

Nenhum avivamento é completamente puro; em diferentes proporções, ele pode trazer, misturado à obra do Espírito, o que é humano, o que é satânico, o que é errado, o que é corrupto; ele nunca é perfeito em termos de pureza.⁸ A Bíblia, então, nos adverte que, à medida que nós, como igreja, procuramos um reavivamento da parte de Deus, precisamos também nos lembrar que um reavivamento não é infalível. Quando ele se apresenta, nem sempre vai trazer a verdade em toda a sua pureza. A Igreja precisa avaliar sempre as manifestações espirituais e procurar discernir o que está acontecendo com o propósito de separar a verdade do erro. Hoje são muitos os que ingenuamente acreditam que tudo o que é sobrenatural é divino. A história e a Bíblia, porém, nos mostram que esta equação nem sempre é verdadeira.

Gostaria de me deter neste ponto um pouco mais. Cautela e discernimento se tornam ainda mais necessários diante da urgência da hora em que a Igreja se encontra hoje aqui no Brasil. Existem movimentos que reivindicam a chancela do Espírito Santo para as coisas mais absurdas e estranhas que se passam nos cultos de suas igrejas. Há pessoas que dizem estar recebendo hoje novas revelações pelo Espírito Santo, pessoas que se intitulam profetas e que, supostamente, recebem palavras di-

⁸ Ver Richard Lovelace, “The surprising works of God”, em *Christianity Today*, 39/10 (setembro de 1995), pp. 28-32, em que ele analisa a preocupação do grande puritano Jonathan Edwards em discernir as falsas manifestações espirituais em meio a um avivamento espiritual. Para um estudo mais profundo sobre o ensino de Edwards quanto ao falso e o verdadeiro nas manifestações espirituais, ver a dissertação de mestrado de Luiz Roberto França de Mattos, “Jonathan Edwards and the Criteria for Evaluating the Genuineness of the ‘Brazilian Revival’”. (São Paulo: Centro de Pós-graduação Andrew Jumper, 1997).

retamente da parte de Deus; outras, dizem ter uma palavra de conhecimento, que pretendem adivinhar ou descobrir aquilo que é oculto no transcender dos cultos, ou em pequenas reuniões de oração. Ouvimos falar de manifestações físicas, apontadas como resultado da vinda do Espírito sobre as pessoas no culto, tais como pessoas tremendo, batendo o queixo, revirando os olhos, tremendo as pálpebras semicerradas, entrando em transe extático, desmaiando ou rindo descontroladamente. Para essas pessoas, tudo isso é obra do Espírito Santo, é prova de que o Espírito Santo veio sobre uma determinada pessoa ou sobre um determinado grupo em meio ao culto.

Um exemplo disso é o que acontece na Igreja Vineyard do Aeroporto de Toronto. Em janeiro de 1994, John Arnott, pastor da igreja, convidou Randy Clark, seu amigo e pastor de uma outra igreja Vineyard em Saint Louis, Missouri, nos Estados Unidos, para uma série de conferências. Ouçamos o testemunho do próprio Arnott sobre o que aconteceu:

No dia 20 de janeiro de 1994, a bênção do Pai caiu sobre as 120 pessoas que estavam presentes para o culto naquela quinta-feira à noite em nossa igreja. Randy deu seu testemunho e o período de ministração começou [o pastor e os obreiros oraram com imposição de mãos sobre os que vieram à frente em resposta ao apelo]. As pessoas caíram pelo chão debaixo do poder do Espírito, rindo e chorando. Tivemos de empilhar as cadeiras para termos espaço para todos. Alguns tiveram mesmo de ser carregados para fora.⁹

Arnott diz que a reação das pessoas naquela noite ao cair ao chão e rolar de rir, às gargalhadas, tomou a ele e a Randy de surpresa, pois estavam esperando conversões e curas (além das quedas, naturalmente). A partir daí, em cada reunião da igreja, durante o período de ministração, o fenômeno se repetiu: pessoas que caíam de costas no chão (agarradas pelos “apanhadores”, uma equipe que se posiciona atrás dos que vão à frente, para ajudá-los a cair sem se machucar), algumas que explodiam em gargalhadas, literalmente rolando de rir no chão, outras que ficavam duras no chão, com os olhos fitando o vazio e as mãos estendidas para o alto, outras que tremiam histericamente e outras que gritavam. Para John Arnott, a “unção” que tanto havia buscado finalmente chegara – embora certamente de uma forma inesperada, sob a forma da “gargalhada sagrada”, ou “riso santo”. Arnott, depois, batizou esse comportamento como a “bênção do Pai”, mas o nome que realmente pegou foi “a bênção de Toronto”, nome dado por alguns jornalistas ingleses que foram a Toronto observar o fenômeno.¹⁰

⁹ John G. Arnott, *The Father's Blessing* (Florida: Creation House, 1995), p. 5.

¹⁰ Ver Augustus Nicodemus Lopes, “Entendendo a Bênção de Toronto”, *Ultimato*, 246 (1997), pp. 55-59.

O reavivamento do “riso santo” logo se espalhou pelas demais igrejas da *Vineyard Fellowship*. Mesmo entre essas igrejas, as ênfases do novo movimento levantaram suspeitas e polêmica acirrada.¹¹ Em 1995, um novo fenômeno começou a se repetir nas reuniões, o que finalmente provocou o desligamento da igreja de Arnott da *Vineyard*. Apareceram pessoas que urravam como animais, supostamente debaixo do poder do Espírito Santo. A partir daí, os sons de animais passaram a fazer parte da “bênção de Toronto” embora, como Arnott insiste, não sejam muito frequentes.¹² Há casos de pessoas que rugem como leão, cantam como galo, piam como a águia, mugem como o boi e emitem gritos de guerra como um guerreiro. Para Arnott, estes sons são “profecias encenadas”, em que Deus fala uma palavra profética à igreja por meio de sons de animais. Arnott passou a admitir e a defender esse comportamento como parte do avivamento em andamento na Igreja do Aeroporto de Toronto. Mas John Wimber não se deixou persuadir pela argumentação da liderança da Igreja do Aeroporto. No final de 1995, foi dizer a Arnott que eles estavam desligados da *Vineyard*. A razão principal, segundo Wimber corretamente colocou, é que não havia base bíblica para profecia por meio de sons de animais emitidos por cristãos em êxtase. A igreja do Aeroporto de Toronto, entretanto, já havia ganhado popularidade suficiente para se manter sozinha. Na verdade, tornou-se o centro de um movimento que tem ganhado simpatizantes e aderentes de várias denominações pelo mundo afora, inclusive no Brasil.

Em seu desejo de andar mais perto de Deus, a Igreja, seus concílios, seus pastores e seus membros deveriam, juntos, reconhecer o perigo potencial, latente, em qualquer movimento de revivificação espiritual e procurar discernir a origem e natureza dessas manifestações. Seria muita ingenuidade pensar que isso tudo é de Deus. Seria fechar os olhos às Escrituras, à razão e à História. Boa parte do sucesso desses movimentos deve-se à superficialidade das igrejas, aos dias de mediocridade espiritual em que estamos vivendo, em que as pessoas não têm mais interesse nas grandes doutrinas da graça, mas em ter experiências que as façam sentir-se melhor.¹³

Muitos crentes sinceros têm dificuldades com afirmações do tipo que acabo de fazer. Alguns perguntam receosamente: “Como é que podemos falar coisas assim? Corremos o risco de entristecer a Deus. E se essas manifestações nos cultos forem de

¹¹ Ver o artigo de Paul Carden, “Toronto blessing” stirs worldwide controversy, rocks Vineyard movement. em *Christian Research Journal*, 17/3 (1995), pp. 5-7. Para uma defesa do movimento, ver Robert McQuillan, “Fresh fire from down under”, *Charisma*, 21/8(1996), pp. 54-58.

¹² Arnott, *The Father's Blessing*, 169, p. 183.

¹³ Ver a crítica penetrante ao movimento de Toronto feita por Richard Holliday, “Is the ‘Toronto blessing’ really a blessing?” em *Faith Today*, 13/2 (Mar/Abr 1995) pp. 27-29. Ver ainda J. Sebs, *Não é para Rir* (PES: São Paulo, 1997).

Deus mesmo? Estaremos, então, lutando contra Deus”. Creio que a melhor resposta é esta: “Não precisamos ficar com medo de examinar criteriosamente as manifestações espirituais. O que a Bíblia proíbe é que sejamos incrédulos diante de evidências claras de que tais manifestações são realmente da parte de Deus. Enquanto isso não fica claro (pois manifestações desse tipo podem ser produzidas por espíritos enganadores e por falsos profetas), a Bíblia nos encoraja a julgar e discernir os espíritos” (1Jo 4.1).

O apóstolo Paulo determina à igreja de Corinto que todas as manifestações “proféticas” durante o culto têm de ser julgadas (1Co 14.29). Em Deuteronômio 13 e 18 temos o teste do verdadeiro profeta no Antigo Testamento. Quando alguém fazia uma predição em nome do Senhor Deus, só poderia haver dois resultados: (1) o que o profeta disse não se cumpria – nesse caso, o profeta não era de Deus e o assunto se encerrava por ali (Dt 18.20-22); (2) o que o profeta falou se cumpria literalmente – ainda assim, não era para se concluir imediatamente que ele era de Deus, pois, se em seguida o profeta falasse alguma coisa que contrariasse a revelação prévia de Deus, se ele dissesse “vamos adorar outros deuses”, por exemplo, ficava claro que era falso profeta e deveria ser excluído da comunidade de Israel (Dt 13.1-5). Se, porém, após o cumprimento literal da profecia, a mensagem do profeta estivesse em harmonia com a lei de Moisés, então o profeta era reconhecido como sendo da parte de Deus e sua mensagem deveria ser recebida. Temos aqui dois testes da verdadeira profecia: o do cumprimento e o da harmonia com a revelação escrita.

É a própria Bíblia que nos dá critérios, princípios e cânones, para que, como povo de Deus, examinemos e procuremos discernir o que nos alegam os profetas, os pastores, os inspirados, os curandeiros, os milagreiros, ou qualquer outra pessoa que reivindique estar falando ou fazendo alguma coisa da parte de Deus durante o culto que a ele prestamos.

Certa vez, após eu ter dito algo semelhante em uma palestra, um pastor que estivera presente abordou-me, visivelmente perturbado. Ele me disse que, por insistir nestes critérios de avaliação, eu estava limitando o Espírito Santo às palavras de um livro (referia-se à Bíblia). Respondi-lhe que fora o próprio Espírito Santo que inspirara tal livro e que ele age em harmonia com aquilo que ele mesmo revelou-nos ali, pois ele não é incoerente, não se contradiz. Não creio que a Bíblia tenha sido dada para *substituir* todos os dons espirituais, mas, entre outras coisas, para que *testássemos* a genuinidade das manifestações sobrenaturais. Precisamos parar com a ingenuidade supostamente piedosa, que receia examinar criticamente tais manifestações e que tende a aceitá-las sem exame. A Escritura nos conclama a discernir, a examinar e testar os espíritos. É verdade que ela não nos chama para sermos críticos incrédulos, céticos e agnósticos – mas nos chama, para, na paz do Senhor e com temor a Deus, examinar todas as coisas e reter o que é bom.

Nesse sentido, as cartas que Paulo escreveu à igreja de Corinto são de enorme valia e relevância para nós hoje, visto que, nelas, o apóstolo trata de questões semelhantes às que afligem a igreja moderna. 1 Coríntios 11 a 14, em particular, são os capítulos mais importantes da correspondência de Paulo aos coríntios, no que concerne aos princípios e regras que devem controlar o culto cristão. Nosso objetivo, nesse livro, é examinar esses capítulos e aplicar seu ensino aos nossos dias. Gostaria de convidá-lo a acompanhar esse exame com sua Bíblia à mão, consultando-a onde indicado, para melhor aproveitamento do que vamos expor.

GUIA DE ESTUDO

1. De acordo com os especialistas, por que o pentecostalismo cresceu tanto nas últimas décadas?
2. Que movimentos deram maior visibilidade ao sobrenaturalismo cristão dentro do protestantismo mundial e do catolicismo?
3. Quais são as “três ondas do Espírito” que marcam o desenvolvimento do pentecostalismo ao longo da história da Igreja? Cite exemplos de cada uma delas.
4. Como podemos abafar a ação do Espírito e quais as consequências disso para a Igreja?
5. Que atitude deve ser tomada pelos pastores e líderes ao perceberem essa limitação da ação do Espírito na Igreja?
6. Por que a Igreja deve ter cautela e discernimento diante de um reavivamento espiritual?
7. De acordo com o autor, a que se deve boa parte do sucesso dos movimentos de reavivamento espiritual da atualidade?
8. Por que podemos afirmar que o exame das Escrituras deve ser nossa base para discernirmos o que vem de Deus e o que vem dos espíritos enganadores e falsos mestres?